

Pe. HUMBERTO ROBSON DE CARVALHO

LITURGIA:
ELEMENTOS BÁSICOS
PARA A FORMAÇÃO
DE CATEQUISTAS



AGRADECIMENTOS

Antonio Wardison C. da Silva
Gabriel Trettel da Silva
P. Jair Marques da Silva, sdb
P. Luiz Alves de Lima, sdb
P. Luiz Eduardo Pinheiro Baronto
Ir. Maria da Penha Carpanedo, pddm
P. Marcelino Sivinski
Marlene Maria Silva
P. Thiago Aparecido Faccini Paro
Todos os catequistas

In memoriam: D. Joaquim Justino Carreira, D. Joel Ivo Catapan,
D. Paulo Evaristo Arns e P. Gaetano Tarquizio Bonomi

APRESENTAÇÃO

O desígnio salvador de Deus, nosso Pai, realiza-se plenamente na obra e na pessoa de Jesus Cristo, o Filho Amado do Pai, nosso Senhor e Salvador. Sua encarnação, vida, morte, ressurreição e glorificação constituem a fonte perene de graça, redenção e justificação para todos nós. Dele nós vivemos, movidos pelo Espírito Santo. O Senhor Jesus abriu para nós a sua vida. Podemos nos unir e comungar de sua pessoa. Ele é a videira; nós somos os ramos nele enxertados. Bebemos da seiva de seu sangue; somos alimentados pelo pão de sua Palavra e de sua Carne. Tomamos parte de sua mesa, onde ele mesmo é nosso alimento e nossa bebida. Nele saciamos nossa fome de vida e sabedoria e nossa sede de plenitude e sentido.

A nossa participação nesses dons preciosos do Senhor acontece de maneira privilegiada na sagrada liturgia. Por meio dela, tomamos parte na obra de Deus. Pela liturgia, Cristo continua a agir em sua Igreja, com ela e por ela, para nos santificar e salvar.

É nessa perspectiva da liturgia viva, obra de Deus e da Igreja, que o livro do padre Humberto Robson de Carvalho nos guia. Seguindo a Tradição e o ensinamento da Igreja, sua reflexão nos põe diante da centralidade do Mistério Pascal de Jesus Cristo, fonte de toda ação litúrgica. A liturgia da Igreja nos mergulha na Páscoa do Senhor, une nossa vida à

dele e abre para nós as fontes da renovação e da santificação. Assim somos alcançados pela força restauradora da Páscoa, e a obra de salvação empreendida pela Santíssima Trindade continua no meio de seu povo santo.

Ligado ao Mistério Pascal está o conceito de memorial. Toda celebração é memorial do Senhor. Isso significa que toda celebração é ação do Senhor com seu povo, no meio dele e em seu favor. Significa também que a celebração não é acontecimento fechado no passado, que nos encanta, mas não nos permite dele participar. Ao contrário, pelo seu caráter memorial, a celebração litúrgica, pela graça do Espírito do Senhor, nos insere em seus mistérios, expande no tempo e nas vicissitudes da nossa história a graça salvadora de Deus.

Além disso, padre Humberto, bebendo das fontes da Igreja, apresenta-nos o mistério cristão como dom de Deus, isto é, uma nova realidade que Deus nos oferece por seu amor e graça em Jesus Cristo, visando nossa salvação. Supera não só nosso entendimento, mas também nossas expectativas, agindo, por meio da liturgia, em nosso tempo presente e preparando-nos para a plena realização de seu Reino.

Outro ponto da reflexão proposta pelo padre Humberto é a profunda relação existente entre liturgia e o sacerdócio batismal do povo de Deus. Essa interligação permite que todos os batizados, participantes do múnus sacerdotal de Cristo, possam exercê-lo ativamente na celebração dos mistérios do Senhor, neles adentrar e deles colher os significados para sua vida espiritual e para a vida de todo o povo de Deus.

Toda essa caminhada reflexiva possibilita ao leitor, especialmente os catequistas, aproximar-se da liturgia com

alegria e encontrar nela uma fonte perene e viva no seio da Igreja. Assim, catequistas, catequizandos e todo o povo de Deus poderão fazer uma verdadeira experiência mistagógica e catequética na vivência litúrgica. Invoco, sobre todos, o dom inefável do Espírito do Senhor e as bênçãos de Deus.

D. Sérgio de Deus Borges
Bispo Auxiliar de São Paulo
Vigário Episcopal para a Região Santana

INTRODUÇÃO

O Concílio Vaticano II (1962-1965) nos ensinou um novo modo de fazer e de pensar a teologia. Nesse novo modo teológico, “a salvação não é colocada fora, antes ou depois do mundo, mas dentro do mundo”. É a teologia do Reino de Deus presente e atuante no mundo, por meio da Igreja. É uma teologia que apresenta a Igreja como povo de Deus, lugar de comunhão e participação. Uma Igreja ministerial, servidora, solidária e que sabe dialogar com o mundo e a humanidade. Assim, toda ação pastoral e evangelizadora da Igreja se traduz em amor compreensivo, humilde e serviçal, possibilitando que a liturgia seja, de fato, fonte da espiritualidade cristã.¹

O referido concílio, na Constituição Apostólica *Sacrosanctum Concilium* (SC), apresenta a sagrada liturgia no contexto da história da salvação que está centrada no Mistério Pascal de Cristo. Afirma que a obra da salvação de Deus, por meio de Jesus, continua na Igreja e se realiza por meio da sagrada liturgia. A liturgia possui uma dimensão escatológica, isto é, a liturgia da terra é a antecipação e preparação da liturgia que celebraremos no céu.²

¹ A. LORSCHIEDER, J. B. LIBÂNIO, J. COMBLIN, J. M. VIGIL, J. O. BEOZZO, *Vaticano II 40 anos depois*, São Paulo: Paulus, 2005, p. 43-46.

² A. BECKHÄUSER, *Sacrosanctum Concilium*, Texto e comentário, São Paulo: Paulinas, 2012, n. 5-6.

A Constituição Apostólica, n. 10, afirma ainda que a liturgia, particularmente a Eucaristia, é o “centro e o ápice de toda a vida da Igreja para a qual devem convergir todas as suas ações”. Ensina igualmente que a liturgia é a fonte da espiritualidade dos fiéis cristãos e de toda a Igreja.

A SC, n. 14, reflete, entre outros aspectos, sobre a formação litúrgica para todos os fiéis cristãos. Os catequistas, enquanto educadores da fé, são convidados a se capacitarem e a vivenciarem profundamente a sagrada liturgia da Igreja para poderem formar e desenvolver o gosto, a compreensão e a percepção da riqueza da ação litúrgica da Igreja. A SC insiste em afirmar que a finalidade da reforma litúrgica na Igreja é proporcionar ao povo de Deus uma “participação consciente, eficaz e frutuosa no Mistério Pascal de Cristo”.³

No Brasil essa urgência se faz necessária uma vez que a catequese abraçou a iniciação à vida cristã como um dos itinerários para formar discípulos-missionários. Sem liturgia, não haverá verdadeira catequese.

Desde 2011, a iniciação à vida cristã está presente em nossas Diretrizes Gerais como uma das nossas urgências pastorais. A pedido de nossos bispos e igrejas particulares, em 2014, foi elaborado o *Itinerário Catequético: Iniciação à vida cristã*. Tudo isso revela o propósito de buscar novos caminhos pastorais e reconhecer que a inspiração catecumenal é uma exigência atual. Ela nos permitirá formar discípulos-missionários conscientes e atuantes.⁴

³ A. BECKHÄUSER, *Sacrosanctum Concilium*, Texto e comentário, São Paulo: Paulinas, 2012, n. 14.

⁴ CNBB, *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Documentos da CNBB, 107, Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 7.

Esse primeiro documento do concílio incentiva o zelo pela vida litúrgica nas paróquias, motivando-as a vivê-la de forma intensa a ponto de personificarem, no tempo e no espaço em que se encontram, o mistério da Igreja presente no mundo inteiro. Propõe também que os fiéis cristãos participem ativamente do mistério celebrado e, por isso, não sejam “meros espectadores, mudos, mas instruídos e inseridos na Palavra, sedentos em participar da mesa do corpo e do sangue do Senhor”.

No início do cristianismo, a relação entre catequese e liturgia era sólida e consistente. Os primeiros cristãos compreenderam a catequese como educação da fé e a liturgia como celebração dessa mesma fé. Essas duas realidades intimamente ligadas não poderiam jamais se separar. Apesar disso, a partir do século VI, infelizmente, se separaram. Com a reforma do Concílio Vaticano II, os padres conciliares tiveram a preocupação de retornar às origens, isto é, resgatar a centralidade do Mistério Pascal em todas as dimensões da Igreja, sobretudo no que diz respeito à liturgia e à catequese.⁵

Igual às primeiras comunidades cristãs, hoje nos reunimos assiduamente para “escutar o ensinamento dos apóstolos, viver unidos e tomar parte no partir do pão e nas orações” (At 2,42). A comunhão da Igreja se nutre com o Pão da Palavra de Deus e com o Pão do Corpo de Cristo. A Eucaristia, participação de todos no mesmo Pão da Vida e no mesmo Cálice de Salvação, nos faz membros do mesmo Corpo (cf. 1Cor 10,17). Ela é fonte e ponto mais alto da

⁵H. R. CARVALHO, *O ministério do catequista: elementos básicos para a formação*, São Paulo: Paulus, 2015, p. 41-42.

vida cristã, sua expressão mais perfeita e o alimento da vida em comunhão. Na Eucaristia, nutrem-se as novas relações evangélicas que surgem do fato de sermos filhos e filhas do Pai e irmãos em Cristo. A Igreja que a celebra é “casa e escola de comunhão”, onde os discípulos compartilham a mesma fé, esperança e amor a serviço da missão evangelizadora.⁶

A finalidade deste livro que ora apresento é colaborar com a formação de catequistas, particularmente no que se refere à liturgia. O conteúdo dele está organizado em quinze capítulos.

Desejamos que *Liturgia: elementos básicos para a formação de catequistas* seja um subsídio relevante na formação de discípulos-missionários para a preparação mistagógica do encontro de cada catequizando com Jesus, Mestre e Senhor.

Queremos que o catequista compreenda que liturgia não se estrutura e se expressa por um conjunto de ideias e muito menos fórmulas e rubricas presentes na celebração litúrgica, mas pela vivência do Mistério Pascal de Cristo traduzido em cada gesto, ação, e situação do próprio catequista em sua vida pessoal e comunitária.

⁶ CELAM, *Documento de Aparecida*, Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, São Paulo: Paulus, Paulinas; Brasília: Edições CNBB, 2007, n. 158.

A LITURGIA NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

No contexto da história da salvação, a liturgia é a expressão e vivência do mistério de Cristo. Ela constitui a maior manifestação de Cristo na vida de cada cristão, particularmente dos catequistas.¹

Entendemos a história da salvação como o encontro do amor misericordioso de Deus Uno e Trino com a humanidade. A história do amor da Trindade é levada à plenitude no mistério da revelação. Deus se revela e manifesta à humanidade. A salvação entrou na história da humanidade com a presença de Deus que é amor, bondade e misericórdia.

A história da salvação se faz como salvação na história. Não há duas histórias, uma sagrada e outra profana. Apenas

¹ Estes três primeiros capítulos foram escritos baseados nos estudos de: J. ALDÁZABAL, *A Eucaristia*, Petrópolis: Vozes, 2006, p. 200; X. BASURKO, J. A. GOENAGA, "O culto na época do Novo Testamento", in: D. BOROBIO (org.), *A celebração na Igreja: liturgia e sacramentologia fundamental*, v. 1, São Paulo: Loyola, 1990, p. 43-46; A. BECKHÄUSER, *Sacrosanctum Concilium*, Texto e comentário, São Paulo: Paulinas, 2012, p. 20-21; CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia, in: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*, 29ª ed., Petrópolis: Vozes, 2000, n. 5; CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, *Seguir Jesus: os Evangelhos*, São Paulo: Loyola, 1994, p. 228-229 (Coleção Tua Palavra é vida); C. GEERTZ, *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Ltc Editora, 1989, p. 82; S. MARSILI, "Sagrada Escritura", in: M. AUGÉ, R. CIVIL, S. MARSILI, B. A. NEUNHEUSER, *Liturgia: momento histórico da salvação*, Anamnesis 1, São Paulo: Paulinas, 1986, p. 42; B. NEUNHEUSER, "Memorial", in: D. SARTORE, M. TRIACCA, *Dicionário de liturgia*, São Paulo: Paulus, 1992, p. 728; M. SMITH, *O memorial de Deus*, São Paulo: Paulus, 2006, p. 200.

uma única presença real de Deus que caminha com a humanidade e que a plenifica. Na plenitude do tempo, ele se encarnou na história dos seres humanos, para manifestar o seu amor libertador-salvador a toda a humanidade, na pessoa de Jesus Cristo. Nele está a centralidade da história de salvação. Na oblação de si mesmo, pelo seu Mistério Pascal, Cristo Jesus recria e reconduz a humanidade inteira.

A liturgia celebra fundamentalmente um acontecimento ou acontecimentos, um fato que realmente sucedeu na história. Foram as intervenções de Deus no tempo que foram revelando a sua presença libertadora a favor da humanidade; a essas intervenções chamamos de história da salvação.²

Desde o início do mundo, Deus tem um desígnio de salvação para toda a humanidade. Em sua bondade e misericórdia, prepara a vinda de seu Filho Jesus Cristo, que vem para anunciar e realizar, na plenitude do tempo, a salvação prometida. A liturgia está situada no contexto da história da salvação.

De acordo com a Sagrada Escritura, Deus age na história por meio de seu povo. Ele apresenta sua salvação à humanidade e realiza a sua plenitude salvífica. Foi Deus que, em primeiro lugar, falou a Abrão, aos patriarcas, a Moisés, aos profetas e ao povo que ele mesmo escolheu.

É na história da salvação que a liturgia encontra o seu espaço. Na liturgia, Cristo se revela por meio do culto realizado nos ritos da Igreja. Somente em Cristo, Senhor da

² C. H. O. GÓMEZ, *Plano de formação para leitores e ministros da Palavra*, Lisboa: Paulus, 2014, p. 59.

História, é que a revelação atinge o seu ponto central e total. Assim, o Concílio Vaticano II afirma:

Deus, que quer salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todos os homens (1Tm 2,4), havendo outrora falado muitas vezes e de muitos modos aos pais pelos profetas (Hb 1,1), quando veio a plenitude dos tempos, enviou seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, para evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, como médico corporal e espiritual, Mediador entre Deus e os homens [...]. Pois do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento da Igreja.³

A reconciliação de Deus com a humanidade se faz por meio de seu Filho Unigênito, Jesus Cristo. Por ele, com ele e nele nos foi dada a plenitude do culto divino.

O evento salvífico de Jesus Cristo foi preparado durante muito tempo ao longo da história da humanidade por meio dos nossos primeiros pais, dos profetas e de tantos outros anunciadores da Boa Notícia. O culto que a humanidade pode prestar a Deus é o culto que seu Filho querido lhe prestou, oferecendo a sua vida para a salvação de muitos. Essa obra da redenção e da perfeita glorificação de Deus tem o seu momento mais importante no Mistério Pascal de Jesus Cristo.

A liturgia, como evento na história da salvação, é apresentada como acontecimento. É ricamente marcada no Antigo Testamento com a presença de muitas pessoas e fatos,

³ CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia, in: *Compendio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*, 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 5.

culminando com a vinda de Cristo, sua morte, ressurreição e glorificação. Com ele, atingiu-se a plenitude e o cumprimento do tempo de Deus e da humanidade.

A liturgia, no contexto da história da salvação, contém a dimensão escatológica, isto é, a liturgia celebrada e vivida por nós hoje é o anúncio da liturgia celebrada no céu.

Deus continua agindo no seu povo de diversos modos. Ele permanece atuante no meio de nós quando prestamos o culto que lhe é devido. Não se trata de uma mera execução externa, mas expressão de uma atitude interior sincera e louvor verdadeiro. Sabemos que a história por nós vivida é história de salvação. Deus está no meio de nós.

A presença constante de Jesus em sua Igreja, ele que prometeu estar conosco até o fim dos tempos, assegura-nos que a história da salvação não é passado, não é evento lembrado com saudade, distante de nós. Ao contrário, a graça da presença do Senhor ressuscitado atualiza na vida da Igreja, na vida de cada um de seus discípulos, as maravilhas operantes de seu amor, da sua aliança e da sua misericórdia. Ele continua a realizar em todos a sua obra de salvação e redenção.

A liturgia não é ação vazia, uma fábula; é comunicação do dom de Deus em Jesus Cristo e assimilação, acolhimento e encontro de sua vida com a nossa vida que nos transforma, recria, salva e nos lança na comunhão de seu mistério, abrindo-nos à sua eternidade e graça santificante.

Para refletir e responder:

1. O que você compreende por história da salvação?
2. Por que a liturgia está inserida no contexto da história da salvação?
3. Qual é o significado original da palavra liturgia?
4. O que é liturgia? Indique alguns elementos que você considerou importantes a partir da leitura desse texto.
5. Não basta o catequista saber teoricamente a definição de liturgia, é necessário vivenciá-la, experimentá-la e deixar-se conduzir pela celebração. Como você tem vivido cada celebração?

A LITURGIA COMO FONTE E IDENTIDADE DO POVO DE ISRAEL

A liturgia cristã tem sua fonte e identidade na fé do povo de Israel, centrada no Deus único e pessoal que, pela sua ação libertadora na história, estabeleceu uma aliança de amor com o seu povo. O culto prestado pela assembleia israelita celebra o acontecimento por excelência: a Páscoa judaica, ou seja, libertação da escravidão e passagem pelo Mar Vermelho rumo à terra prometida. A celebração dessa Páscoa tornou-se a lembrança memorial do Êxodo, revivendo-a anualmente. O texto bíblico Ex 12,1-14 relata a instituição pascal da antiga aliança, em que é expressa a ordem ritual desse memorial.

Para o povo de Israel, celebrar o memorial significa “atualizar o passado que jamais permanece simplesmente passado”. Não é mera lembrança ou saudade, nem simplesmente narração da história de fatos, mas tornar a história, os fatos e a percepção de seus significados presentes pela ação ritual. A celebração memorial deve ser sempre revivida, para estar constantemente presente em nossas vidas.

O memorial é uma realidade de fé ou, de outra maneira, um acontecimento compreendido à luz da fé na ação de Deus na história e na vida de cada pessoa. Não é apenas acontecimento humano.